



Entrevista com Sônia T. Felipe: ética animal, abolicionismo e veganismo no Brasil¹

Revista Primordium



¹ Entrevista concedida a partir da presença da filósofa em encontro realizado no dia 12 de dezembro de 2020 a convite do Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Ética Animal da Universidade Federal de Uberlândia para apresentação e discussão de sua obra “*Galactolaria: mau leite*” (2012). Em nome da Revista Primordium, os discentes do curso de graduação e pós-graduação em Filosofia da UFU, Laís Oliveira Rios e Gustavo Henrique de Freitas Coelho, prepararam e conduziram a entrevista. O Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Ética Animal da Universidade Federal de Uberlândia e a Revista Primordium agradecem à Dr.phil. Sônia T. Felipe por sua generosa participação.

Apresentação²

Doutora em Filosofia Moral e em Teoria Política pela Universidade de Konstanz (Alemanha, 1991), com pós-doutorado em Bioética-Ética Animal pela Universidade Clássica de Lisboa (Portugal, 2001-2002), professora, pesquisadora e orientadora no Departamento de Filosofia e no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC (1979-2010), Sônia T. Felipe é vegana há mais de 20 anos. Iniciou, no Brasil, os estudos filosóficos em ética animal e ética ambiental, em 1992, introduzindo as teorias que alavancam ainda hoje os movimentos animalistas, tanto os bem-estaristas quanto os abolicionistas, elaboradas por Humphry Primatt, Sir Richard D. Ryder, Andrew Linzey, Peter Singer, Tom Regan, Paul Taylor, Steven M. Wise e Gary Francione. Coordenou, entre outros, os projetos e publicações dos volumes temáticos da *Revista Ethic@* (Revista Internacional de Filosofia Moral, UFSC), dedicados à Ética Animal, Ética Ambiental, Comunidade Moral, e o Projeto de Estudos Ecoanimalista Feminista (UFSC). Atualmente, dedica-se ao estudo da vinculação entre a dieta *omnis vorax* (onívora) mortal e o aquecimento climático que levará às mudanças extremas que porão fim à vida no planeta Terra, bem como aos surtos epidêmicos e pandêmicos causados pela devastação dos ecossistemas naturais

² Apresentação redigida pela própria entrevistada.

levada a cabo para criação de rebanhos destinados ao serviço da comilança humana ao redor do planeta. De seus estudos nos últimos 20 anos resultaram os livros: “*Por uma questão de princípios: alcance e limites da ética de Peter Singer em defesa dos animais*” (2003); “*Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas*” (2007); “*Galactolatria: mau deleite*” (2012); “*Acertos abolicionistas: a vez dos animais*” (2014); “*Carnelatria: escolha omnis vorax mortal*” (2018).

A autora segue estudando neurociência, biologia, medicina quântica, etologia e ecoanimalismo feminista, pandemias, com vistas à abolição do uso de animais em experimentos biomédicos, na dieta, na diversão, no trabalho, e ao fortalecimento da tese da sentiência em todos os animais. Um desses projetos de pesquisa ora em andamento é o estudo da mente e da consciência equinas, fortalecendo o propósito que anima a luta pela abolição do uso de cavalos para tração de cargas (humanos, mercadorias e resíduos). Outro, o estudo das teorias neurocientíficas das emoções em humanos e não humanos.

Entrevista:

Revista Primordium - Poderia nos contar um pouco sobre sua infância, até a descoberta e transição para o veganismo? Esse

processo de transição foi radical ou gradativo? Algo ou alguém lhe serviu como influência ou inspiração?

Sônia T. Felipe – Nasci e cresci em um vilarejo rural, com produção de alimentos de subsistência, lavoura, horta e pomar sob nossos cuidados. Fui educada na religião católica, na bifurcação moral que ensina a amar os animais e ao mesmo tempo cultua uma dieta mortal. Vivi esse dilema até o final da minha formação em Filosofia, sem que houvesse qualquer janela acadêmica aberta para a defesa dos animais. Somente ao final do meu doutoramento, na Alemanha, tomei conhecimento da obra de Peter Singer e de outros filósofos britânicos que revolucionaram o modo humano de pensar a ética, incluindo os seres sencientes na igual consideração de seus interesses e direitos como pessoas sencientes não humanas. De 1989 até agora, tem sido essa a temática dos meus estudos e do meu trabalho. Sigo na busca da elaboração de uma ética sem tricotomias morais, que reúna humanos, animais sencientes e ecossistemas naturais sob um mesmo princípio de consideração por seus interesses e pelo valor inerente a todas as vidas.

Deixei de comer carnes no início da década de 1990, e aboli completamente a ingestão e uso de quaisquer derivados de animais vivos ou mortos no final daquela década. A decisão foi fundamentada na reflexão sobre a violência que infligimos aos animais com a dieta onívora. Essa reflexão tem raiz na convicção

sobre o quanto é injusto aprisionar, torturar e matar seres indefesos. Foi uma decisão que selou a coerência entre política e ética, ampliando o círculo para contemplar os seres sencientes vulnerabilizados que não podem se defender de nossa forma de vida predatória.

Revista Primordium - A senhora foi pioneira no Brasil nos estudos filosóficos em ética animal e em ética ambiental. Poderia compartilhar conosco um pouco dessa trajetória, se houveram e quais foram os obstáculos que a senhora enfrentou quando, ainda na década de 1990, começou a introduzir esses temas no ambiente acadêmico brasileiro?

Sônia T. Felipe – A trajetória é extensa e difícil de expor em algumas linhas e parágrafos. Mas sua pergunta trouxe-me imediatamente a questão da falta de bibliografia em língua portuguesa sobre a questão. Esse limite foi um dos marcadores do atraso cultural e moral brasileiros no debate e na reflexão sobre a urgência em se redefinir o estatuto moral humano longe da tradição supremacista, antropocêntrica, hierárquica e misógina que tem sido afirmada nas éticas tradicionais de cunho religioso. Outro obstáculo, justamente pela inexistência da questão, foi o desconforto sentido por acadêmicos, por conta de uma teoria que questiona a hierarquia biológica e psicológica na qual os animais sempre são colocados

num patamar inferior ao dos humanos, quando, biologicamente nada há no organismo humano que justifique ele ser eleito como o mais perfeito e aprimorado do ponto de vista da natureza. Conceitos de superioridade, de excelência, racionalidade, espiritualidade, ou qualificativos outros que expõem os limites animais para esconder justamente ali nessa dobra moral algum limite dos humanos, são sempre construções sociais e morais carregadas de emoções antropocêntricas e especistas. Quando uma filósofa toca nesses pontos, causa imenso desconforto. Há reações. Há planos de derrotar o trabalho. Há de tudo. Mas o trabalho não é buscar resultados para si, é apenas deixar um lastro ético fundamentado, que possa servir de plataforma para os que iniciam sua própria trajetória moral animalista abolicionista uma ou duas décadas mais tarde. Quanto à ética ambiental, o trabalho pioneiro foi mostrar que não há um princípio ético genuíno nos discursos ambientalistas, todos foram elaborados dentro do padrão da argumentação econômica, contábil, que nada tem a ver com a defesa do valor inerente e do bem próprio dos ecossistemas naturais e dos animais sencientes, que o modo de vida humano do último século teve como propósito destruir. São questões duras de suportar. O desconforto que algumas pessoas sentem mostra quão pouco elas pensaram profundamente sobre o *modus operandi* humano devastador da vida dos animais, dos ecossistemas naturais e, por efeito bumerangue, da própria vida

humana. A dieta animalizada e todos os demais usos de animais implicam em sua matança. Mudar essa concepção de direito humano é tarefa que segue na pauta pelo mundo afora.

Revista Primordium - Academicamente, geralmente o debate sobre ética animal gira em torno de dois autores, Peter Singer (bem-estar animal) e Tom Regan (abolicionismo). Para além desses dois autores, quais obras ou autores a senhora sugeriria para futuros pesquisadores que queiram se aprofundar no estudo em ética animal?

Sônia T. Felipe – No livro “*Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas*”, e no ora esgotado, “*Por uma questão de princípios: alcance e limites da ética de Peter Singer*” em defesa dos animais, os autores pioneiros estão bem apresentados. No desdobramento do pós-doutorado em Bioética-Ética animal, fizemos estudos sobre as concepções ecofeministas para investigar se as ecofeministas tinham ou não uma concepção inclusiva dos outros animais na questão da opressão, da escravização, e na proposta de igual respeito, temas calorosamente tratados pelas feministas. O que se concluiu é que as feministas das duas primeiras vagas foram centradas na própria questão, raramente deram-se conta de que a opressão que sofrem no sistema misógino no qual todas estamos imbricadas é vigorosamente replicada também pelas mulheres contra

as fêmeas de todas as espécies criadas em rebanhos industriais para usança, matança e comilança humanas. Estamos trabalhando para reacolchoar (*kilting*) a moralidade ecofeminista, dando a ela o estofamento animalista, a crítica à mizooginia, à vulnerabilização das fêmeas de outras espécies por conta da dieta extrativista, sem as quais a dieta animalizada não seria cultuada. Um trabalho pioneiro no Brasil.

Revista Primordium - A senhora publicou várias obras sobre ética animal a partir de 2003: “*Por uma questão de princípios: alcance e limites da ética de Peter Singer em defesa dos animais*” (2003); “*Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas*” (2007); “*Galactolatria: mau leite*” (2012); “*Acertos abolicionistas: a vez dos animais*” (2014) e “*Carnelatria: escolha omnis vorax mortal*” (2018). A senhora poderia comentar um pouco sobre cada uma delas?

Sônia T. Felipe - “*Galactolatria*” é um neologismo formado de duas palavras gregas: *gálaktos* (leite) e *eidololatreía* (idolatria). Este livro contém dados, informações e uma crítica à idolatria ao leite da vaca. “*Galactolatria*” (2012, segunda edição 2016) é a primeira análise ética, numa perspectiva abolicionista vegana, de um dos alimentos mais consumidos por metade dos humanos ao redor do planeta: o leite da vaca e seus derivados. Outro livro que segue na moldura do “*Galactolatria*” é “*Carnelatria: escolha omnis vorax mortal*”,

editado em 2018. Neste, trato da matança de animais no Brasil e dos desdobramentos ambientais dessa matança para produção de carnes, laticínios e ovos. No “*Acertos abolicionistas: a vez dos animais*” há um leque de temas abordados sob a perspectiva abolicionista, sempre crítica à proposta bem-estarista. Esse leque é formado por questões éticas, dietéticas, ecológicas e psicológicas, nas quais a perspectiva é a dos animais mantidos em cativeiro, sem direito à vida, dado que antes mesmo de serem forçados ao nascimento já foi agendado o dia do seu abate. No “*Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas*”, introduzo no Brasil os autores mais importantes no debate ético animalista, desde os filósofos antropocentristas até os abolicionistas, além de contemplar as perspectivas teológicas na questão dos animais em diversas religiões e filosofias de vida: budismo, jainismo, judaísmo ortodoxo, judaísmo liberal, cristianismo, islamismo. Também apresento os arrazoados jurídicos e científicos contrários ao uso de animais como modelos experimentais na ciência. No “*Por uma questão de princípios: alcance e limites da ética de Peter Singer em defesa dos animais*”, conforme diz o título, os argumentos do filósofo australiano são apresentados em sua exuberância até alcançar seu limite e abrir para abordagens fundadas na defesa dos direitos animais, trabalho iniciado por Tom Regan e levado a efeito por outros juristas, especialmente estadunidenses.

Revista Primordium - No ano de 2007, a senhora publicou a obra, “*Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas*”, em que apresenta argumentos contrários ao uso de animais como cobaias. Recentemente, tivemos o desenvolvimento em tempo recorde de várias vacinas contra o novo coronavírus. Será que poderíamos ter realizado tal feito sem o uso de animais, considerando o risco inerente às cobaias durante as primeiras etapas de desenvolvimento dessas vacinas?

Sônia T. Felipe – A passagem de um método experimental para outro, completamente diferente, não pode ser feita de supetão, sem vultosos financiamentos. O mundo da experimentação biomédica está edificado sobre a vivisseção. É claro que os cientistas sabem, desde sempre, que o modelo animal é praticamente imperfeito, mas é o único que eles conseguiram aprimorar, a ponto de hoje todos os medicamentos, vacinas e venenos serem testados antes em animais de várias espécies. No caso das vacinas, se os cientistas houvessem recebido, nas duas ou três últimas décadas, financiamentos para desenvolver métodos não animalizados, com a tecnologia que se tem hoje, já teríamos modelos sofisticados de testes de produção de anticorpos sem passar pelos testes em animais não humanos na fase pré-clínica. No futuro, modelos construídos com base em diversas ciências darão suporte às pesquisas de vacinas que levem em conta

os marcadores proteicos individuais e o disparo dos anticorpos, algo que não segue a mesma medida em todos os humanos. É preciso seguir dando força aos cientistas abolicionistas e às inovações na computação, na medicina quântica e na dieta, para que alcancemos vacinas que nos protejam das próximas pandemias virais e bacterianas. Vacinas desenhadas individualmente, tipo: coleta uma gota de sangue, põe no computador, e este indica qual das vacinas terá maior disparo de anticorpos para aquele organismo. Isso logo será desenhado.

Revista Primordium - A partir do desenvolvimento da técnica de edição genética CRISPR-Cas9, são diversos os estudos realizados a fim de desenvolverem com sucesso a técnica de xenotransplante, com o objetivo de cultivarem em porcos órgãos para serem transplantados em seres humanos que precisam de um transplante. Como a senhora avalia moralmente a xenotransplantação entre animais não-humanos e humanos, considerando que, caso seja bem sucedida, a partir de cada animal morto poderão ser extraídos órgãos que poderão salvar a vida de mais de um ser humano que, de outra forma, isto é, sem esses órgãos, não sobreviveriam? Em casos assim, a vida de um animal equivaleria à vida de um ser humano?

Sônia T. Felipe – Esse modelo segue o padrão moral tradicional que considera os outros animais como meros objetos, passíveis de

desmonte para atender a demandas humanas. Além disso, toda abertura que infunde genes estranhos em um organismo, pode estar rompendo o cadeado genômico. Naquele organismo podem entrar mais facilmente vírus mutantes sobre os quais ninguém tem controle algum. Os cientistas inventam de tudo. O que nunca inventaram é como desinventar algo quando tudo dá errado. A aposta no risco é feita porque o risco não é o do cientista ou do grupo que investiga. Todo o ônus e os riscos recaem sobre os suínos e os humanos que recebem órgãos fabricados dentro do corpo do suíno e transplantados para o humano. Nos termos do conhecimento atual, vejo tudo isso como uma ameaça, não como um benefício. O benefício final é a venda imensa de medicamentos para conter as reações adversas em quem sofrer o xenotransplante. E, com os vírus cada vez mais velozes em mutação, implantar dentro do corpo de um humano um órgão carregado de vírus hospedados nos suínos é um arrombamento do cadeado viral.

Revista Primordium - Em relação à época em que a obra “*Galactolatria*” foi escrita, como a senhora avalia que hoje se encontra as situações abordadas, principalmente em relação às implicações da produção e consumo de leite bovino e também à conscientização sobre essa realidade?

Sônia T. Felipe - De 2012 para cá, muitas práticas dietéticas onívoras mudaram. À época, não havia sequer a disseminação dos leites vegetais no mercado. Se alguém comprasse leite, obviamente, compraria leite animal (de vaca ou de cabra), ou leite vegetal apenas o de coco e o de soja. Hoje, passada quase uma década, já temos uma migração dos consumidores para os leites vegetais. Isso não quer dizer que o sistema de extração, de produção e a propaganda do leite animal e dos seus derivados tenha sofrido qualquer ameaça. Quer dizer apenas que o consumo do leite animalizado líquido está caindo. Os empresários estão se reinventando e criando outros produtos à base do leite, porque boa parte da demanda por leite animal em forma líquida já não segue o padrão de meio século atrás. Dados estadunidenses, disponíveis em: <<https://www.canalrural.com.br/noticias/consumo-leite-nos-estados-unidos-cai-tres-decadas-33717/>>, indicam que houve uma queda no consumo de leite animal da ordem de 30%, de 1975 até hoje. Ora, quase um terço a menos, em pouco mais de quatro décadas, é um bom indício. Com a ameaça das catástrofes climáticas extremas, causadas justamente pela criação de rebanhos, e com a ameaça das pandemias que transbordam de algum rebanho industrial para os humanos, o consumo de alimentos animalizados será extinto. Os produtores de leite usarão o maquinário para produção de leites de oleaginosas, cereais, grãos e sementes. É melhor começarem a fazer

o transbordo, substituindo a matéria animal por matéria vegetal, pois esse é o futuro dos laticínios no mundo.

Revista Primordium - A senhora considera uma prática racista que o governo recomende o consumo de leite inclusive para populações que não possuem lactase suficiente para digerir laticínios, como negros, asiáticos e indígenas? Seria essa uma boa base para o movimento afrovegano que está crescendo no país e no mundo?

Sônia T. Felipe - Racista é uma ação com respaldo institucional que visa rebaixar o coletivo de outra raça por conta de sua origem étnica. Racialista é uma ação levada a efeito por membros de uma raça, no caso a que detém o poder, implicando desdobramentos negativos não previsíveis para os membros da raça que sofre aquela ação ou decisão. O que hoje costuma-se chamar de “viés racial”. A imposição do leite da vaca à dieta de afrodescendentes é um bom exemplo de dieta com viés racialista, ainda que o propósito, lá no século XVII, quando a primeira vaca foi levada de navio da Europa para os Estados Unidos, não fosse racista, quer dizer, não fosse o de prejudicar a saúde dos pretos que adotassem o leite da vaca e seus derivados em suas dietas. Explico: a ingestão do leite não causava intolerância na maior parte dos humanos de ascendência caucasiana, quando parte desses caucasianos (europeus) migrou mundo afora, isso há mais de 400 anos. Esses brancos de origem europeia

colonizaram dieteticamente as Américas, a África e investem, ainda hoje, na colonização da dieta asiática.

O leite da vaca não produzia, que se soubesse à época, mazelas nos consumidores de ascendência predominantemente caucasiana. Entretanto, o leite da vaca está associado, na maior parte dos consumidores não caucasianos dele e dos laticínios feitos com ele, a mazelas e doenças graves. A intolerância (não confundir com alergia) ao leite animal é hereditária. Basta um dos progenitores ter herdado a intolerância ao leite da vaca para que todos os seus filhos também a herdem.

O leite da vaca, conforme bem explicado no “*Galactolatria: mau deleite*”, segue investigado por conta de sua associação com as mazelas e as doenças crônicas ou “incuráveis” na maior parte dos descendentes de povos e de etnias não caucasianos. Se você tem bagagem genética de uma etnia com grande percentual de intolerância ao leite da vaca, a probabilidade de você ser intolerante é grande. Se seu pai ou sua mãe for intolerante ao leite da vaca, você e seus irmãos da mesma progenitura serão intolerantes a ele.

Sem saber nada sobre intolerância ao leite, menos ainda sobre lactase para digerir bem a lactose, à época, os colonizadores europeus levaram o leite para os continentes colonizados. Não havia vacas nas Américas. A primeira vaca foi levada de navio da Europa para a América do Norte em 1621.

Então, um alimento que parecia benéfico para os descendentes de brancos, acabou por ser imposto a toda gente, mesmo a quem não produz mais a lactase após a primeira dentição ser substituída. Isso está bem explicado no “*Galactolatria*”. Uma dieta propícia à maior parte dos caucasianos, nos séculos da colonização, acabou por ser imposta, pela propaganda medicinal de alimentos animalizados, a todos os descendentes de indivíduos de etnias com grande percentual de intolerantes a ela: africanos, indígenas, asiáticos e boa parcela dos europeus. Nesse sentido, a dieta galactômana é racista, embora não seja racista. O objetivo é padronizar o fornecimento de cálcio (principal razão da propaganda da ingestão do leite da vaca) e conquistar todos os humanos para o consumo do leite. No início, não se pode dizer que houve intenção de prejudicar os pretos, os indígenas, os asiáticos ou grupos de etnias europeias sulinas intolerantes ao leite da vaca. Só se soube da intolerância hereditária ao leite da vaca nas últimas décadas, quando todas as Escolas já haviam assimilado o leite e seus derivados em suas merendas.

No “*Galactolatria*”, sugiro que as Escolas façam o teste da intolerância à lactose em todas as crianças, para que na merenda não seja mais imposto o leite e os laticínios como se ninguém sofresse mazelas ou adoecesse por conta da ingestão do leite da vaca. O leite da vaca é para o bebê dela que acabou de nascer. Não somos crias bovinas. Um dia isso será bem entendido.

Revista Primordium - No ano de 2012, além do “*Galactolatria*”, a senhora publicou o livro “*Passaporte para o mundo dos leites veganos: receitas*”. A senhora poderia comentar sobre o que a levou a escrever o livro e a respeito do seu processo de criação?

Sônia T. Felipe – Ao escrever o “*Galactolatria*”, foi natural intuir que as pessoas que quisessem migrar do leite da vaca e demais leites animalizados para leites vegetais precisariam de um apoio simples, funcional, para produzir o leite em casa. Nesse pequeno “*Passaporte*” foram descritas as propriedades nutricionais de 22 matérias vegetais das quais é possível extrair leite e fazer combinações entre elas para variar os nutrientes, o sabor, até que cada pessoa encontre os leites que seguirá preferindo.

Revista Primordium - A exemplo dos leites vegetais, o mercado de produtos alimentícios voltados ao público vegetariano estrito ou vegano (isto é, sem nenhum ingrediente de origem animal) têm aumentado consideravelmente nos últimos anos. Qual a sua opinião a respeito dos produtos destinados a esse público, mas que são produzidos por empresas que, em alguns casos, são especializadas na exploração animal e que lançam esses produtos apenas para também se fazerem presentes nesse nicho de mercado? Acredita que esses produtos, o consumo desses produtos, ajudam a causa animal

por facilitarem a transição alimentar para o vegetarianismo ou veganismo, uma vez que muitas dessas empresas possuem uma capilaridade mundial e conseguem levar seus produtos em lugares que pequenas empresas veganas não teriam acesso, ou acredita que o consumo desses produtos atrapalha a luta pelo fim da exploração animal?

Sônia T. Felipe – Não creio que a fabricação de alimentos sem ingredientes de origem animal, ou mesmo cosméticos, por firmas que enriqueceram e seguem enriquecendo à custa da produção de derivados animais testados em animais ajude os animais. As pessoas que não consomem mais nada de origem animal há anos estavam fora do mercado. O que essas firmas fazem é puxar essas pessoas de volta ao mercado. Isso não muda nada para os animais que as firmas seguem matando e comercializando. Muda muito para os humanos que querem deixar de consumir a dieta animalizada e se sentem mais encorajados vendo produtos similares sem ingredientes de origem animal em oferta. E ajuda muito a essas empresas a enriquecerem com o consumo vegano.

Entretanto, como o sistema de produção de alimentos e outros itens de consumo animalizados está com os dias contados, o fato de essas indústrias terem iniciado um movimento para capturar consumidores veganos mostra que mais adiante elas estarão preparadas para a produção em massa de alimentos sem ingredientes

de origem animal, algo que ocorrerá em menos de duas décadas. O treinamento industrial de grandes marcas para a produção de alimentos estritamente vegetalizados já está em curso. Basta ver a migração que a *Smithfield* e a *Tyson*, duas grandes produtoras de carnes suína e avina, fizeram para produzir as carnes de reatores. Quem deixar de comer carnes de animais e seguir comendo carnes sintetizadas por reatores, acabará se servindo da produção das grandes marcas até hoje matadoras em massa de animais. Estamos em um momento híbrido. Mas uma virada abolicionista vai ocorrer. Para as grandes marcas, não importa se a matéria usada para produzir nacos de carnes vem de animais ou de tecidos vegetais sintetizados. O que importa a elas é seguir no lucro. Elas farão o transbordo junto com os consumidores. O próximo dilema moral será consumir as carnes vegetalizadas sabendo que as mesmas marcas seguem produzindo animais para vender carnes por preços acessíveis apenas aos muito ricos. Cada um terá que tomar sua decisão quando chegar a hora. Eu, pessoalmente, não sofrerei o dilema, porque já não faz parte da minha dieta vegana qualquer produto que imite carnes ou embutidos. E os leites, esses os faço eu mesma, em casa.

Revista Primordium - Ao que parece, mesmo entre os grupos que defendem o fim da exploração animal não há um consenso de qual a melhor forma de ativismo. Enquanto alguns defendem a total e

imediate interrupção de práticas exploratórias, outros grupos afirmam que, ainda que tenham o abolicionismo como meta final, a fim de garantirem alguma melhora para os animais que já existem e que atualmente são explorados, devemos fazer algumas concessões e aceitar pequenas melhorias na cadeia de produção, garantindo assim uma melhora no bem-estar cotidiano desses animais. Como a senhora entende essa questão? Na sua visão, qual seria a melhor forma de ativismo?

Sônia T. Felipe - Entendo as lutas bem-estaristas, essas que fazem concessões, como grande propaganda e vitrine do agronegócio, da vivissecção, da diversão animalizadas. Para os animais, não existe “bem-estar” algum onde eles estiverem aprisionados e impedidos de fazerem suas escolhas de vida, reprodutivas, alimentares, de convívio social com seus pares. Acho que gastar energia em causas bem-estaristas é atraiçoar duas vezes os animais. Primeiro, porque não é verdade que os humanos possam saber o quanto bem está cada animal em particular. Segundo, porque, se os humanos tivessem mesmo boa intenção de cuidar da vida daqueles animais, eles não os matariam para seu serviço dietético, experimental, diversional, estético e afins. Terceiro, porque é hipocrisia dizer que trata bem um animal e em seguida lhe passa uma lâmina na garganta ou apunhala seu coração. Os animais não trocam as ninharias de pseudo-confortos por suas vidas. Então, os humanos inventam mil narrativas

que apenas lhes dão “bem-estar” à própria consciência. Jamais a garantia de estar bem na vida pode ser confirmada por qualquer animal mantido na condição de refém com a senha da morte colada à orelha ou pintada sobre a pele.

Revista Primordium - Quando falamos de exploração animal, alguns ativistas estabelecem uma analogia entre o holocausto nazista e um “holocausto animal”. A senhora concorda com essa analogia?

Sônia T. Felipe – Denominamos holocausto uma prática institucionalizada de matança de certos grupos aprisionados e mantidos na condição de reféns, de escravizados, torturados e sem chance de serem libertados. Na verdade, a palavra holocausto traduz a queima da vítima viva, como o fez a Inquisição com os hereges e as bruxas. O propósito do aprisionamento é a matança ao final. Fazemos isso, ano após ano, com mais de 70 bilhões de animais criados em rebanhos ao redor do mundo. É preciso acrescentar a esse número o dos animais capturados diretamente de seus ambientes, caçados e pescados, e o dos mortos nos fundos das casas, que sequer entram na estatística, pois são mortos para consumo da família, não para vendas. O termo holocausto acabou por ser usado por analogia, pela quantidade de vidas ceifadas de modo institucionalizado, com as bênçãos da igreja.

Revista Primordium - Valeria a pena professores e alunos abolicionistas integrarem Comitês de Ética no Uso de Animais (CEUA) das universidades? Seria possível usar o mínimo que há na lei para avançar a ideia dos direitos, ao menos, ou a senhora acredita que seria melhor estar fora destes comitês?

Sônia T. Felipe - Penso que nosso papel teve algum resultado somente no início dos Comitês de Ética. Hoje, você sentar num lugar desses, sendo voto único, e votando contra uma dúzia de colegas vivisseccionistas, pode ter sentido apenas se, para cada voto contra todos os projetos apresentados, você for bem embasado com argumentos éticos. Você não vai reverter a votação, mas estará fazendo educação dos cientistas avessos à ética abolicionista. Aos poucos eles compreenderão o quanto estão obsoletos em seus métodos de pesquisa, usando o corpo dos animais como objeto e crendo que através dele as questões biomédicas serão respondidas a contento. Além do mais, é bom que tenhamos consciência disso, esses comitês não são de “ética”. Foi o que declarei a eles em minha última fala, quando encerrou meu segundo mandato na CEUA da UFSC, há mais de uma década. Esses comitês são meramente “técnicos”. O mais honesto seria mudarem seu nome para Comitê Técnico de Uso de Animais (CTUA). Explico: Eles foram criados apenas para forçar os pesquisadores a seguirem as normas da vivisseccção em vigor pelo resto do mundo. E os pesquisadores,

quando procuram seguir tais normas, estão visando simplesmente um passaporte para poderem publicar seus artigos em revistas com *referees*, pois elas cobram a aprovação dos protocolos da pesquisa dentro dos padrões das normas “técnicas” vigentes, que eles chamam de “normas éticas”, indevidamente. Explico um pouco mais: não pode ser ética uma interação na qual uma das duas partes é vítima da violência, da tortura e da execução sumária ao final do experimento, enquanto a outra parte leva vantagens do começo ao fim. Uma relação dessas é de pura violência, jamais será ética. Se você sentar em um comitê desses para levar essa clareza aos cientistas, terá valido a pena.

Revista Primordium - Como a senhora avalia a importância da existência do Comitê dos Médicos por uma Medicina Responsável? Há iniciativa parecida no Brasil? Qual a necessidade de comitês desse tipo e qual a potência de uma organização dessa tem frente a aliança feita entre ciência, produtores de leite e setores da mídia e propaganda? Quais outras iniciativas a senhora vê como potentes o suficiente para enfrentar o silenciamento imposto?

Sônia T. Felipe - Esse Comitê dos Médicos por uma Medicina Responsável (PCRM, em inglês), trouxe muita força aos “comidistas” veganos, os que priorizam a dieta sem quaisquer derivados de origem animal, mesmo que não entrem na luta em defesa ética dos animais. Ainda que nem todos os médicos usem o

termo vegano em seus livros mais recentes, por exemplo, T. Colin Campbell, autor destes livros: “*The China Study*”; “*Forks over Knives, Whole: rethinking the science of nutrition*”; “*The Low-Carb Fraud*” e “*The Future of Nutrition: An Insider’s Look at the Science, Why We Keep Getting It Wrong, and How to Start Getting It Right*”, segue usando apenas a expressão *whole plant based foods*, que, traduzida, seria alimentos integrais de origem vegetal. A razão pela qual Campbell evita usar o termo “vegana” para designar a dieta que sugere, é porque ele não entra no embate ético da defesa dos animais, e porque os ditos veganos alimentam-se muitas vezes só de “múmias” ou *fake foods*, chamadas de *junk food*. O propósito de Campbell é garantir a saúde humana de modo integralmente vegetalizado, sem processados e sem refinados. O médico Neal Barnard, fundador do PCRM e autor de vários livros, entre outros, “*Breaking the Food Seduction*”; “*Turn Off the Fat Genes*”; “*Reversing Diabetes*”, e seu colega John McDougall, autor de “*Digestive Tun-up*”; e de “*The Starch Solution*”, empregam o termo *vegan* para designar a dieta que assinam, exclusivamente de origem vegetal e sem processados e refinados, mesmo que sejam de origem vegetal. Vejo que a medicina logo vai ter que dar atenção ao PCRM e muito mais, à questão vegana.

No Brasil, criaram um grupo de médicos vegetarianos e veganos. Pode ser que aos poucos se juntem aos mais de 150 mil outros profissionais já ligados ao PCRM mundo afora. Tenho esperanças.

Está faltando, no Brasil, os jornalistas darem notícias sobre o veganismo. Mas, enquanto os meios de comunicação estiverem sob a tutela do agronegócio, isso será impossível no curto prazo. Portanto, restam-nos mesmo as redes sociais, a difusão múltipla de notícias e a realização de eventos educativos abertos ao público interessado em ouvir sobre um modo de viver que não passa pela criação, extração, matança e comilança de animais.

Revista Primordium - Entre os anos de 2009 a 2011 a senhora participou de um Grupo de pesquisa em “Ecoanimalismo Feminista”. Poderia nos falar um pouco a respeito desse tema?

Sônia T. Felipe – Em 2006, ao concluirmos os estudos revisando as teorias ambientalistas, da extrema esquerda à extrema direita, para conferir se alguma delas trazia a questão ética, ou não³, senti necessidade de fazer o mesmo estudo para conferir se as mulheres ecofeministas estavam sintonizadas na questão animal para além da defesa dos exóticos, dos ameaçados de extinção, e dos usados para extração de carnes, peles, sangue, leite, ovos, lã, seda e demais

³ Trabalho publicado em Volume Temático Ética Ambiental, em junho de 2006, na *Revista Ethic@*, Revista Internacional de Filosofia Moral, da UFSC.

derivados. Um grupo de estudantes, constituído de todos os níveis acadêmicos, de doutorado a graduandos, topou fazer a revisão dos artigos das feministas até a virada do milênio. Trabalhamos por dois anos, entre 2007-2009 nesse projeto, introduzindo no Brasil os estudos ecoanimalistas feministas. De fato, entre todas as feministas que analisamos, apenas Marti Kheel declarava-se vegana antes da virada do milênio. Isso quer dizer que o movimento ecoanimalista feminista, fora do Brasil, deixou de lado a questão ética da exploração e escravização de fêmeas de outras espécies, vacas, ovelhas, abelhas, galinhas, porcas, cabras, uma espécie de mizooginia, concentrando-se, no máximo na questão da não ingestão de “carnes vermelhas” e peles. Essa anomalia estamos consertando, no Brasil, com o trabalho das filósofas feministas veganas, Daniela Rosendo, Maria Alice Silva e Tânia A. Kuhnen, para citar três filósofas veganas, incansáveis estudiosas do ecofeminismo na trama animalista não especista nem sexista.

Revista Primordium - Recentemente, a extrema direita vem despontando tanto na política como socialmente, dando visibilidade cada vez maior a pessoas que defendem rodeios, vaquejadas, e até práticas pouco conhecidas em nosso país, como as corridas de cães Galgos. A senhora acredita que isso possa impactar a longo prazo a

luta pelo fim da exploração animal? Para o futuro, quais as suas perspectivas para a causa animal no Brasil e no mundo?

Sônia T. Felipe – A propaganda da diversão à custa dos animais sempre existiu no Brasil e no resto do mundo. O que antes não havia era uma consciência crítica contrária a tais práticas. Então, o que agora aparece como polarização entre extrema direita e defensores dos animais, abolicionistas, de fato é apenas a expressão nova do grupo contrário às farras e diversões que usam os animais nas arenas ou pistas. Antes havia as farras e não havia quem se manifestasse contra elas. Então, elas apareciam como cultural, o que tem sido tomado como natural. Hoje, seguem as farras, mas há uma luta por sua abolição, portanto uma desnaturalização dessa cultura. Essa luta ainda terá que ser mantida por décadas, até que se consiga a abolição total da consciência que legitima a crueldade contra animais para diversão dos humanos, incluindo aí caça e tiro. Na verdade, os humanos vão a essas farras para divertirem-se com os *shows*, a dança, as aglomerações, o churrasco e a cerveja. Os animais são torturados antes e durante o espetáculo, e quem vai a eles pouco se ocupa de olhar para os animais.

Revista Primordium - Nos últimos meses, a senhora tem se dedicado ao estudo da pandemia do novo coronavírus e sua relação com a forma como exploramos os animais, sobretudo para alimentação.

Poderia compartilhar conosco um pouco dessa pesquisa? Em sua opinião, porque essa relação de causalidade não é amplamente noticiada para a população, por exemplo, por meio da Organização Mundial de Saúde?

Sônia T. Felipe – Quem patrocina a Organização Mundial de Saúde são os países que mais produzem animais, mais sofrem epidemias virais e bacterianas em seus rebanhos, mais exportam e importam derivados de animais. Se a OMS enfrentar a questão mercadológica de produção, extração e consumo de alimentos animalizados ela dá quatro tiros em seus quatro pés: saúde, fármacos e vacinas, dieta animalizada e financiamento para funcionamento de sua estrutura. A OMS é refém do agronegócio, tanto quanto o é da indústria de fármacos, dos interesses das seguradoras de saúde. Ela só pode mandar recados por vias sutis, como o fez, no início de 2020, ao divulgar seu protocolo para manipulação de carnes para evitar a disseminação do SARS-CoV-2.

Revista Primordium - No encontro de dezembro/2020 com o Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Ética Animal da UFU, a senhora comentou que possui diversos trabalhos em andamento. Seria possível nos adiantar quais temas pretende abordar futuramente?

Sônia T. Felipe – Sempre estou realizando várias pesquisas ao mesmo tempo. Chega um momento em que um tema se apressa e

rouba a senha dos precedentes para tornar-se livre, livro. Entre os diversos estudos que venho realizando desde 2014, estão a questão do aquecimento global e seu vínculo direto com as carnes, os leites e os ovos, a questão da disseminação de vírus em rebanhos criados para usança, matança e comilança humanas, a questão das ecofeministas omissas quanto ao destino das fêmeas das outras espécies, a questão de uma ética que supere a tricotomia entre humanos, animais outros e ecossistemas naturais e a questão da própria linguagem filosófica impregnada de misoginia, ainda que os filósofos nem percebam que desenham o mundo à sua imagem e semelhança, expulsando dele tudo o que beira ou transborda o feminino, representado pela natureza (da qual tudo é extraído, como o foi dos escravizados), pelos animais e pelas mulheres. São muitos temas, todos avivados por estudos contínuos. Uma hora dessas, um ou dois desses vão se apresentar como protagonistas de algum novo livro.

Revista Primordium - Por fim, a senhora poderia deixar uma mensagem para aqueles que ainda estão se familiarizando com as questões da ética animal, descobrindo o veganismo como estilo de vida, ou como descreve Tom Regan, ainda estão relutantes?

Sônia T. Felipe – O tempo para relutar já foi usado em demasia. É tempo de abolir. E toda mudança no mundo começa pela mudança do mundo mental, das crenças, dos apegos emocionais ao bem-estar e à

inércia que a moral supremacista que derrota os animais concede a quem ainda reluta em fazer a virada. Quem não a fizer agora, vai ter de mentir às gerações futuras, dizendo que “tentou” ser vegana ou vegano, mas que não conseguiu. O fato é que muitas pessoas que dizem não conseguir sequer tentam. Há urgência não para tentativas, pois tentar é apenas relutar. Há urgência de abolição do sistema de criação, extração, consumo e matança de animais para atender a propósitos unilaterais humanos.